



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EJA: INTERDISCIPLINARIDADE E HETEROGENIDADE

Amanda Cristina de Barros

Universidade Federal do Espírito Santos - UFES
amanda.c.barros@hotmail.com

Gabriel Victor Araújo Gomes

Universidade Federal do Espírito Santos - UFES
gv.gomes@live.com

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo temático: A formação inicial de educadores(as) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas

RESUMO

O seguinte relato resulta da participação semanal, por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência financiada pela CAPES, do qual somos bolsistas, no cotidiano de uma escola que oferta a modalidade da Educação de Jovens e Adultos na rede municipal de Vitória. Buscamos identificar o interesse dos sujeitos pela aprendizagem da língua inglesa além das práticas interdisciplinares presentes na sala de aula, problematizando o planejado, o observado e o vivenciado durante as aulas de língua inglesa. Como instrumentos metodológicos foram aplicados questionários semiestruturados em 2 turmas, num total de 30 alunos, em espaços educativos diferentes, mas pertencentes a mesma escola, já que esta se faz presente em outros espaços educativos, afim de identificarmos os sujeitos e seus interesses em relação à língua inglesa. Além deste instrumento de coleta de dados foram analisados os planos de aula que envolviam o ensino da língua inglesa no último trimestre de 2014, no intuito de verificar se estes contemplavam os objetivos, relacionados a interdisciplinaridade, que estão especificados no Projeto Político Pedagógico da instituição, registrando as observações quanto a execução do planejado. Os resultados preliminares indicam a presença da diversidade em relação ao interesse e grau de importância atribuído pelos alunos ao ensino e aprendizagem da língua inglesa. Além disso, sugerem que na proposta interdisciplinar, o inglês assume um papel de ser mais do que apenas uma língua, mas uma forma de ampliar a visão que os alunos têm do mundo e a percepção deles próprios em relação ao ambiente em que eles estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE

EJA; Interdisciplinaridade; Heterogeneidade

1. INTRODUÇÃO

Este relato busca identificar o interesse dos sujeitos pela aprendizagem da língua inglesa além das práticas interdisciplinares presentes na sala de aula, problematizando o planejado, o



observado e o vivenciado durante as aulas de língua inglesa. Como instrumentos metodológicos foram aplicados questionários semiestruturados em 2 turmas, num total de 30 alunos, em espaços educativos diferentes, mas pertencentes a mesma escola, já que esta se faz presente em outros espaços educativos, afim de identificarmos os sujeitos e seus interesses em relação à língua inglesa. A escola em questão é parte da prefeitura municipal de Vitória e oferta a Educação de Jovens e Adultos no turno matutino. A Proposta da modalidade na rede de Vitória, abraçada por esta escola em específico, é o trabalho em duplas de professores de disciplinas distintas para que elas dialoguem entre si e alcancem os objetivos propostos por esta modalidade. Então buscamos refletir sobre a presença do trabalho interdisciplinar tanto para professores quanto alunos, uma vez que esta não é uma realidade muito discutida no cenário do ensino fundamental, e sobre como se dá a execução deste trabalho sem ignorar o fato de que as turmas são compostas por alunos de várias realidades e contextos sociais diferentes.

Este estudo foi de fundamental importância para a nossa formação mesmo enquanto graduandos, pois nos proporcionou conhecer e dialogar com outra realidade da educação no Brasil, que a graduação muitas vezes não consegue atingir. Além disso, a vivência em toda a escola, não só na sala de aula, nos aproximou da realidade da instituição escolar e das várias facetas que compõem a educação além de nos fazer sentir parte dela não só como futuros educadores mas como educadores no presente.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

2.1. A diversidade

Uma questão latente nas escolas públicas brasileiras é o motivo de se estudar a língua inglesa em país latino-americano cuja língua oficial é a portuguesa. Esse questionamento se intensifica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) por causa das atribuições que muitos associam à língua inglesa: imperialismo, capitalismo e etc. Entretanto o Inglês já deixou de pertencer a um determinado país, há mais falantes não nativos falando inglês do que falantes nativos. A ideia de um "Inglês puro" não cabe mais na sociedade atual.

Segundo Rajagopalan (2004), o chamado "World English" pertence a quem se apropriar dele.



A língua não é mais considerada um instrumento de comunicação sendo reduzida a apenas transmissão de mensagens. Logo, por que estudar uma língua estrangeira e especificamente a língua inglesa? Leffa (1999, p.) chama de "uma questão extremamente delicada" ressaltando o motivo por que estudamos línguas estrangeiras. O único objetivo de estudar L2 é econômico? Para quê estudar outra língua? Certamente aprender outra língua, especificamente no caso da língua inglesa, abre portas e oferece melhores condições de emprego. Mas a língua não está fadada a isso. Sabemos que a aquisição de língua é muito mais que isso, é abertura de novos mundos dentro da mente, é aperfeiçoar a capacidade cognitiva, é pensar por caminhos distintos, é aprender cultura, sair da zona de conforto e ver que há muito lá fora a ser descoberto.

Demos ênfase a esse aspecto, pois foi um posicionamento que tomamos dentro da escola para mostrar que "uma língua assim não fica atrelada a uma única cultura" (LEFFA, 2001, p. 2), mostrando aos próprios educadores que, devemos estar atentos para não sobrepor uma cultura sobre a outra, porém não devemos ter receio: os alunos da EJA podem se apossar da língua inglesa pois o inglês também é nosso. O nosso inglês é brasileiro e devemos ter orgulho disso.

Durante os meses de março a dezembro de 2014 atuamos em dois espaços de uma escola municipal de Vitória: Sede e Centro de Convivência da terceira idade. O público da EJA é diversificado, diferente do que já tínhamos visto em outras escolas. Os alunos vêm de diferentes realidades e há alunos de diferentes faixas etárias na mesma classe. Entretanto ao contrário do olhar preconceituoso, por muitas vezes nosso, dos educadores, os nossos estudantes são tão competentes e capazes quanto quaisquer estudantes das demais escolas ou instituições. Além disso, a heterogeneidade presente na sala de aula não é um ponto negativo, pelo contrário, ela é enriquecedora tanto para os professores quanto para os alunos.

A partir de observações durante as aulas aprendemos, na verdade ainda estamos aprendendo, a planejar as aulas de modo que estas atendessem a todos. Mudávamos as atividades de acordo com a turma ou oferecíamos várias opções. Se fôssemos usar música nas aulas, mudávamos as músicas de acordo com os espaços. Em uma das aulas, por exemplo, usamos música como introdução ao tema respeito. Nas salas onde o público era composto por adolescentes, utilizamos a música "Where's the love?" do grupo "Black Eyed Peas", pois esse estilo de música está mais presente no contexto dos adolescentes. Já no espaço onde o público era composto por idosos utilizamos a música "Black or White" de "Michael Jackson". No



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

final da aula os alunos confeccionaram cartazes mostrando o que eles tinham entendido sobre a música e o que era respeito para eles.

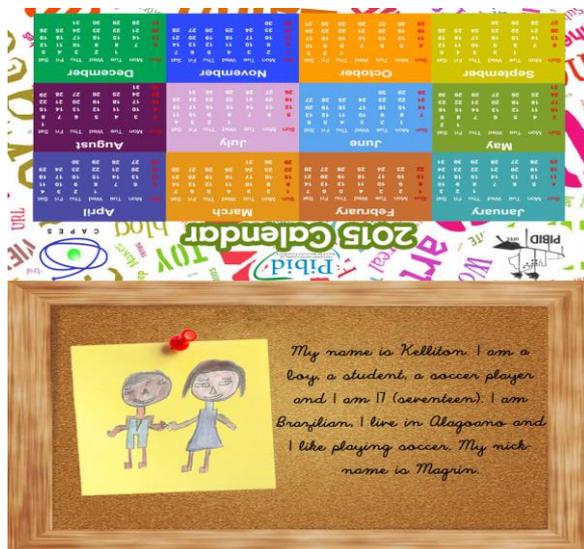


FIGURA 1: Calendário, produção final dos alunos na disciplina de Língua Inglesa e Matemática. Fonte: PIBID, subprojeto Inglês - UFES (2014).

Um dos primeiros pontos que trabalhamos no ano de 2014 foi o de mostrar aos alunos como a língua inglesa está presente na vida deles, já que eles não tinham essa percepção. Ressaltamos também que eles podem aprender a falar inglês, e que é direito deles aprenderem. Aplicamos nas classes um questionário e dentre as perguntas escolhemos duas para analisar. A primeira pergunta era a seguinte: Você acha importante saber falar inglês? As duas perguntas vinham com opções: sim, não e um pouco. A segunda pergunta era: Você gosta de inglês?

Todos os 27 alunos que responderam ao questionário (em ambos os espaços, sendo que 14 estudantes responderam ao questionário na sede e 13 responderam no Centro de Convivência da Terceira Idade) marcaram a opção sim. Ou seja, 100% dos estudantes reconhecem a importância de se estudar a língua inglesa. Sobre a segunda pergunta, 75% da população da Sede respondeu que gostam da língua inglesa e 25% respondeu que gosta um pouco da língua inglesa. Dentre os alunos de 15 a 17 anos 66,6% respondeu que gosta da língua inglesa e 33,3% respondeu gostar um pouco da língua. 75% dos alunos de 18 a 21 anos afirmam gostar da língua inglesa e os demais gostam um pouco da língua inglesa.

Entre os alunos de 26 a 35 anos 100% gostam da língua inglesa. Já entre os alunos de 46 a 55 anos 100% gostam pouco da língua inglesa. Visto que há um grande número de



alunos que por algum motivo gostam apenas um pouco da língua inglesa (principalmente dentre os alunos de 46 a 55 anos) observaremos com mais atenção procurando esses estudantes de uma forma que seja mais interessante para os próprios alunos, conciliando os gostos e os perfis dos alunos com a disciplina ensinada.

77% dos alunos do Centro de Convivência da terceira idade afirmam gostar da língua inglesa. Esses dados nos surpreenderam felizmente, pois esperávamos que o público da Sede, por ser um grupo composto na sua maioria por jovens, apreciaria mais a língua inglesa. Outra informação que nos deixou muito contentes foi que 100% dos estudantes acima de 75 anos gostam de inglês. 66,6% dos alunos entre 26 a 35% responderam gostar da língua inglesa e, 33,3% gostam pouco da língua inglesa. Já os alunos dentre 46 a 55 anos 50% responderam que gostam da língua inglesa e 50% não.

2.2A interdisciplinaridade

Para além da interdisciplinaridade nossa motivação também é constituída pelo funcionamento/resultado dessa proposta. Algumas inquietações se colocam: Como a interdisciplinaridade se constitui? Ela está de fato presente nas aulas? E como ela se evidencia? Todos esses questionamentos serão abordados considerando os indivíduos que integram essa proposta, já que nossos alunos têm um perfil diferenciado: idade, classe social, adolescentes em conflito com lei etc.

A interdisciplinaridade não se trata de mudar os padrões dos campos de conhecimento, trata-se de uma organização que busca mostrar para o aluno e até mesmo para o professor que nenhum conhecimento é totalmente isolado e distinto dos outros, mas em alguns momentos eles se encontram, e é a partir desse encontro que se alcançam as metas que podem ser ou não pré-estabelecidas pela instituição (RODRIGUES, RODRIGUES, ABREU, FERNANDES, 2014) .

A regência compartilhada no ensino regular, principalmente no ensino público, ainda é pouco conhecida e utilizada. Este tipo de regência é apenas uma das formas de se trabalhar a interdisciplinaridade, trata-se da presença de dois ou mais educadores de diferentes campos de saberes trabalhando no mesmo espaço. O fato dela não ser tão utilizada deve-se a fatores múltiplos dos quais se podem ressaltar o currículo de formação docente que prepara o professor para trabalhar sua disciplina separada e individualmente. O que dificulta a execução



deste tipo de trabalho é o desconhecimento de como ele deve ser feito já que na formação o modelo disciplinar é tido como referencial de organização curricular, como discutido por Lopes (1999). Mas por que usar esta metodologia no ensino público, mais especificamente na EJA? Pois de uma forma geral, como dito por Rodrigues, et al (2014), na regência compartilhada

Os conteúdos isolados das disciplinas deixam de constituir o foco principal do currículo. Não há mais a exposição isolada do conhecimento de um determinado professor, pois o abrir-se para o aprofundamento de estudos que favoreçam mudanças sociais qualitativas na educação, contribui para a superação do esfacelamento e pulverização do conhecimento, bem como a indicação de leituras e direcionamentos preconceituosos que reduzem os olhares.”

O trabalho interdisciplinar na regência compartilhada começou a entrar no nosso foco de pesquisas quando percebemos que ele demandava um planejamento mais direcionado e estruturado para que ele fosse capaz de dialogar com as duas disciplinas para chegar a um objetivo comum. Durante o tempo que passamos lá, fazíamos uma hora e meia de planejamento semanal para a aula da semana seguinte. Este planejamento abrangia 4 turmas do segundo segmento matutino, porém nós do PIBID atuávamos apenas em três delas, e a sua construção envolvia os alunos do PIBID, a coordenadora do programa, a professora de Inglês da escola, o professor da matéria que estava trabalhando conosco e um membro da gestão da escola.

A partir dessa experiência, nós, enquanto futuros professores, conseguimos perceber que até mesmo para nós estava internalizado de alguma forma que a língua inglesa estava isolada de outros campos do conhecimento. Reforçando a afirmação de que o nosso currículo de formação pouco contribui para reverter a atual situação de cristalização da disciplinaridade no currículo escolar.

No intuito de reconhecer o conhecimento prévio do aluno sobre a língua inglesa, e nos distanciarmos desse isolamento do inglês dos outros conteúdos, planejamos junto às demais disciplinas atividades que trouxessem este conhecimento à tona, para que os saberes trabalhados em sala de aula não se dissociassem daquilo que o alunado vive fora do ambiente escolar. Assim, há uma aproximação do que se aprende com a realidade, tornando este conhecimento mais palpável e mais significativo, e dessa forma os alunos podem estabelecer uma relação de maior entendimento do porquê de ele está submetido a determinado conteúdo



que está sendo ensinado. Tentando assim, colocar em prática o proposto por Freire (1996, p.16)

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Começamos a conseguir notar a presença de indícios de interdisciplinaridade após cerca de seis meses acompanhando o cotidiano escolar, quando a disciplina de Inglês trabalhava com Matemática. Resolvemos neste período trabalhar com a temática de análise de dados de uma conta de energia na qual podíamos usar os números como fonte de material real para trabalhar operações matemáticas, e os dados pessoais para trabalhar funções como “Qual o seu nome? Qual o seu endereço?” em inglês. Dessa forma conseguimos usar um mesmo material como recurso para ambas as disciplinas. Na apresentação do conteúdo no plano de aula, foi perceptível que existe uma relação/diálogo entre as duas disciplinas, que já se inicia com um questionamento que exige um posicionamento crítico do aluno acerca de uma determinada temática que é um mundo com ou sem energia (Ou seja, trabalhando a capacidade do aluno questionar um determinado problema a partir de mais de uma perspectiva). Muitos dos alunos se basearam nos princípios dos Amish (conteúdo trabalhado em Inglês) para argumentar sobre como o mundo sem energia seria melhor, outros usaram o capitalismo para defender como o mundo precisa de energia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente relato buscamos socializar e refletir sobre as relações e tensões do ensino da língua inglesa na EJA através da análise das nossas vivências na escola. Refletindo, escrevendo e vivenciando esta realidade vimos que ensinar, atualmente, é uma luta diária; precisamos estar apaixonados pela profissão e felizmente, estamos. Enxergar o progresso dos estudantes é recompensador e nos motiva a continuar nos esforçando. Buscar respostas para essas questões não aprofundadas mostra além de um desafio um complemento à nossa formação docente, visto que tanto a heterogeneidade quanto a interdisciplinaridade são aspectos que circundam e capacitam para o desenvolvimento de profissionais mais polivalentes e flexíveis, capazes e focados na superação dos desafios do ensino em geral e



engajados na luta pela EJA pontos nevrálgicos das situações enfrentadas para a Educação pública de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar : ciência e cotidiano** / Alice Ribeiro Casimiro Lopes. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999.

RAJAGOPALAN, K. The concept of ‘World English’ and its implications for ‘ELT’. **ELT Journal** , Volume 58/2 , Oxford University Press. April 2004, p. 111- 117.

RODRIGUES, M. E, RODRIGUES, R. C. B, ABREU, A. J. A, FERNANDES, R. A. Regência compartilhada: vivenciando o currículo integrado. In: OLIVEIRA, E. C, CEZARINO, K. R. A, FERREIRA, M. J. R, MACHADO, M. M. (Orgs) **Educação de jovens e adultos**: trabalho e formação humana, São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p.121

ROSA, S. C. A. **Classes multisseriadas**: desafios e possibilidades. São Paulo, 2008.